

ARTE DA LÍNGUA DE ANGOLA DE PEDRO DIAS
(1697) SOB O PRISMA DA
DIALETOLOGIA KIMBUNDU

Jean-Pierre Angenot
Universidade Federal de Rondônia
jpangenot@hotmail.com

Catherine Barbara Kempf
Universidade Federal de Rondônia
itamoc@bol.com.br

Vatomene Kukanda
Universidade Agostinho Neto
vatkuk@yahoo.fr

Abstract: *Arte da Língua de Angola* by Dias (1697), historically the first recorded Kimbundu Grammar, has been the subject of passionate interpretations in Brazil, including the argument that Kimbundu was the common language used in Salvador by all the Bantu slaves during the XVII century, in spite of the very diverse origins of the slaves. Historical and field data collected in Angola by an integrated research team of Brazilian and Angolan Bantuists point to the pedagogical decision taken by the Jesuits to use the Mbaka-Kahenda subdialect spoken in the vicinity of the famous Cahenda Mission located near Ambaca, as an imposed operational common tool for indoctrinating the various Angolan ethnic groups and also the Bantu slaves. The supposed use of the Kimbundu language, described by Dias as the general language in Salvador and in Quilombo de Palmares, would appear to be an historically groundless hypothesis.

Keywords: Pedro Dias, Kimbundu, Bantu languages in Brazil

A *Arte da Língua de Angola* de Dias (1697/2006) foi o objeto de diversas interpretações, mas faltava uma releitura por parte de bantuistas para descobrir que língua era exatamente essa que Dias descreveu¹. Uma língua

¹ De acordo com Batista (2002), “A Companhia de Jesus determinava a necessidade de os missionários aprenderem a língua dos povos a serem catequizados. (...)”

“étnica” que seria o kimbundu? Uma koiné desenvolvida em Salvador, como está dito na contracapa do fac-similar de 2006, que teria por origem uma “mistura” entre línguas litorâneas das zonas H (kikongo e kimbundu) e R (umbundu) em contato com o português do século XVII? Os prefixos classificadores anotados por Dias, assim como suas observações gramaticais e o vocabulário, extraído dos exemplos apresentados para ilustrar as regras por ele elaboradas, fornecem pistas que podem ser decifradas.

Não é uma tarefa simples (Viaro 2004), devido à ambigüidade do termo “kimbundu” que designa um grupo de línguas e uma língua particular. O grupo kimbundu (H20) compreende as quatro línguas kimbundu, sama, bolo e songo, às quais alguns acrescentam o shinji (H35), o mbangala (H34), o kibala-ngoya e até mesmo o minungu. Quanto à língua kimbundu *stricto sensu*, congrega muitas variantes dialetais nem sempre inteligíveis entre si (loanda mbundu, ngola, njinga, mbamba, mbaka, ndongo, mbondo, nkari, puna, son, pungu, musuko, swela, kidima, ntemo, bali, lengue, ngengu, quembo, sende, dembo, amboim), distribuídas entre as províncias de Luanda, Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul e Uige. Infelizmente, o kimbundu ainda carece de uma descrição científica rigorosa, com a exceção do esboço de Kukanda (1974) sobre o dialeto mbaka.

Após ter extraído todos os dados bantu mencionados em Dias, Jean-Pierre Angenot os organizou sob a forma de um questionário que uma equipe mista de pesquisa angolano-brasileira liderada por ele e por Vatomene Kukanda está empenhada em aplicar numa ampla pesquisa dialetal de campo que abarca os nove principais dialetos da língua kimbundu, ou seja, (1) mbaka; (2) ntemo; (3) puna; (4) jinga; (5) kadi; (6) mbamba; (7) sende; (8) dembo e (9) lwangu. Quanto ao dialeto de Luanda, praticamente desapareceu, tendo sido substituído por falares que oscilam entre um kimbundu simplificado altamente aportuguesado e um português local significativamente kimbunduizado. Apresentamos aqui as primeiras correspondências lexicais e fonéticas, obtidas com dois sub-dialetos do kimbundu-mbaka. O estudo das correspondências gramaticais, notadamente no que tange ao sistema de classificadores nominais,

Os missionários encarregados de receber os navios negreiros, assim como aqueles incumbidos do processo de catequização tinham de saber o kimbundu”. De acordo com Petter (2006), “A Arte da língua de Angola pelo P. Pedro Dias é a primeira gramática da língua quimbundo elaborada a partir da observação da língua utilizada em Salvador pelos escravos oriundos de Angola”. “(...) testemunha o emprego corrente, naquela época, de uma língua africana, o quimbundo, pelos escravos”. Correlacionando as datas da finalização da gramática e da destruição do Quilombo de Palmares, respectivamente 1694 e 1695, Petter vai além, levantando a hipótese de que o kimbundu poderia ter sido a língua ali falada.

pronominais e verbais, assim como à conjugação, será realizado numa segunda fase do mesmo programa integrado de pesquisas.

O objetivo do trabalho apresentado aqui é aquele mesmo proposto por Bonvini (2009) na sua palestra no WOCAL 6 em São Paulo (2008): “...*dégager (de la grammaire de Dias) des renseignements précieux tant au plan lexical que sémantique aussi bien relatifs à la langue kimbundu elle-même qu’au portugais parlé au Brésil*”.

Assim sendo, nos empenhamos aqui em:

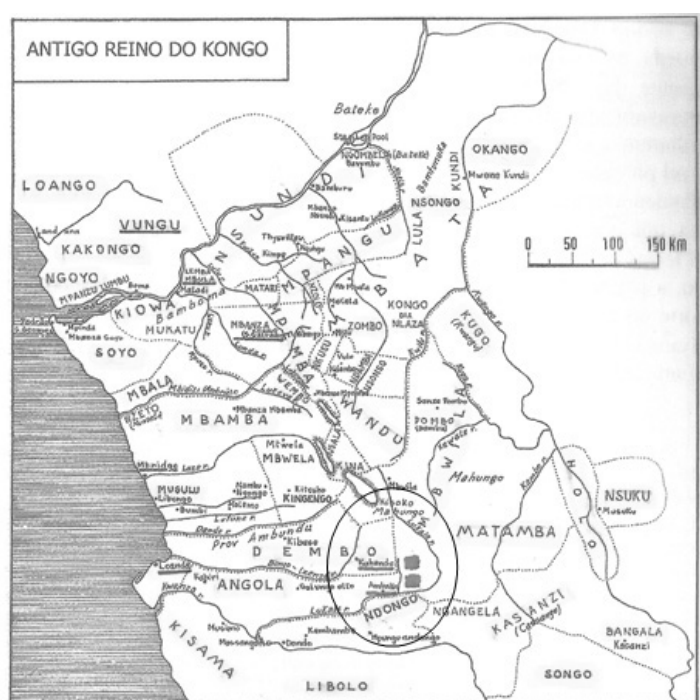
- (1) Extrair do texto de Dias o máximo possível de informações a respeito da variedade de Kimbundu por ele “descrita” nesta sua gramática
- (2) Ver as quais, dentro das 211 lexias e expressões levantadas, deixaram “rastros” no PVB. (Português Vernacular Brasileiro)

Se os jesuítas escolheram o kimbundu para catequizar os escravos bantu do Brasil, não pensamos que foi porque esses escravos falavam o kimbundu, que teria se tornado sua língua veicular de intercomunicação durante a longa jornada que se estendia desde a sua preação até o embarque para as Américas e a consequente chegada em Salvador. Foi simplesmente porque, já em Angola, pelo menos desde o início do século XVII, os mesmos jesuítas, por razões pragmáticas óbvias, tinham optado por catequizar em uma única variante linguística o conjunto bastante diversificado de comunidades que compartilhavam o fato de falar dialetos presumidos do kimbundu, não raramente suficientemente distantes para ser facilmente intercompreensíveis, ou mesmo línguas distintas, tipologicamente arregimentadas num grupo rotulado kimbundu (H20).

De acordo com Chatelain (1888-1889: XVI, *Grammatica elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, Genève: Typ. de Charles Schuchardt, 172 p.) a forma de kimbundu escolhida como opção normativa para evangelização e alfabetização dos povos angolanos sob controle dos jesuítas foi o Kimbundu-Kahenda, que é uma variante sub-dialetal do dialeto conhecido como kimbundu-mbaka, dito também kimbundu-do-Sertão, por oposição ao kimbundu costeiro dito kimbundu-de-Loanda. Era e ainda é falado nos arredores da então importante missão jesuítica de Cahenda (do “concelho de Ambaca”), localizada no leste da atual província do Kwanza sul, entre as províncias de Bengo e de Malanje.

Conforme Chatelain (1889), o propósito de Dias era ampliar o catecismo do Pe. Pacconio redigido em 1642 no dialeto angolano mbaka falado nas cercanias da Missão de Cahenda no Concelho de Ambaca (situados em vermelho no mapa abaixo). Dias quis complementar as regras gramaticais de Pacconio, aliás, com todos seus exemplos extraídos do catecismo de Pacconio (que, obvi-

amente, não foram coletados em Salvador, mais “criados” em conformidade com a tradição gramatical dos jesuítas²). A partir dessa escolha do mbaka-kahenda criou-se localmente uma classe social de letrados e intelectuais angolanos, os famosos ambaquistas (Fleisch 1970; Kukanda 1999) que não somente foram poupados pelo tráfico negreiro mas que se tornaram os mais eficientes traficantes de escravos. Certamente o desembarque de ambaquistas falantes de mbaka-kahenda no meio dos escravos boçais³ oriundos de toda a África Central deve ter sido inexistente ou extremamente irrelevante.



CUVELIER, J., L'ANCIEN ROYAUME DE CONGO, 1946.

- ² Ver a esse respeito todos o trabalhos analisando essa “tradição gramatical” baseada nas gramáticas latinas. O próprio Bovini (2009, 19ss) propõe uma análise acurada desta tradição, e mostra que tem divergências entre a maneira de aplicar essa tradição às línguas ameríndias (Álvares, Anchieta, Figueira) e às línguas africanas (Pacconio, Vetralla, Dias), apesar do paralelismo entre o título da gramática de Anchieta e a gramática de Dias.
- ³ “boçal” é o termo usado pelos historiadores para designar os escravizados recém-chegados da África: cf. Heywood, Linda M. (org). 2009. Diáspora negra no Brasil. São Paulo: Contexto. Ou Florentino, Manolo & Cacilda Machado (orgs). 2003. Ensaio sobre a escravidão(1). Belo Horizonte: Editora UFMG.

É norma consagrada imemorial que os alfabetizadores, sejam eles religiosos ou representantes governamentais, se esforçam sempre em eleger o número menor possível de variantes padronizadas. Assim, a atual política oficial do governo angolano resolveu, pelo menos na prática, reduzir a nove o número de línguas nacionais para a alfabetização escolar, apesar de terem sido repertoriadas e classificadas no país pelo menos 34 línguas bantu distintas, elas mesmas constituindo conglomerados dialetais.

Os jesuítas do século XVII não procederam de outra maneira tanto em Angola como depois com os bantu escravizados no Brasil, pois foi através de uma única e mesma ferramenta linguística que os jesuítas quiseram catequizar as populações angolanas que viviam na área restrita do Angola atual que os portugueses controlavam *de facto*, seja diretamente ou através de sobas avassalados. Isso é comprovado pelo fato de que, como lembra Chatelain, os três e únicos opúsculos redigidos em kimbundu por missionários da Companhia de Jesus que chegaram ao nosso conhecimento foram todos redigidos nesta mesma variante cahendense do kimbundu. Ou seja:

- (3) a. o primeiro livro que foi impresso em kimbundu, e o segundo em qualquer língua africana (conforme Chatelain), é o Catecismo do Padre C. J. Pacconio, intitulado *Gentio de Angola suficientemente instruído, etc.*., obra póstuma reduzido em 1642 a um método mais breve pelo Padre Antonio do Couto C. J. Lisboa. Este opúsculo passou por uma segunda edição em 1661 e, em 1784, por uma terceira. Este catecismo contém algumas regras gramaticais. De acordo com Chatelain, este livrinho merece, do ponto de vista linguístico, todo o louvor, tanto pela correção gramatical como pela consequência ortográfica, o que leva ele a supor que foi escrito por um africano, filho do país, educado pelos jesuítas. Foi redigido no dialeto que se falava no século XVII na missão de Cahenda (concelho de Ambaca). *Entre suas características que o diferencia das formas do dialeto loandense, e mesmo do ambaquense, se destacam, notadamente, a negação por meio de “ne” ao invés de “ki”, a forma arcaica dos sufixos e a falta de contrações de muitas vogais em hiato.*
- b. o segundo livro é *“A Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosário, Mãe e Senhora dos mesmos Pretos*, pelo P. Pedro Dias da Companhia de Jesus, publicada em Lisboa em 1697. Este livrinho com apenas 48 páginas já era tão raro nos fins do século XIX que B. M. de Cannecattim (1859, *Collecções de Observações Grammaticais sobre a Língua Bunda ou Angolense e Dicionário Abreviado da Língua Congueza*. Lisboa: Imprensa Nacional. 204 p.) não teve conhecimento dele. Como aponta Chatelain, o trabalho de Dias almejava desenvolver e completar as “regras brevíssimas” que acompanham o Catecismo do

Padre Pacconio, do qual também são tirados os exemplos que devem elucidar as regras⁴. Ambos os livros foram escritos no mesmo dialeto mbaka-kahenda. Enfim é preciso não perder de vista o fato significativo de que a gramática de Dias, que foi concluída em 1664, teria sido supervisionada pelo jesuíta Miguel Cardoso, originário de Angola e falante da língua⁵.

- c. uma terceira produção redigida no mesmo dialeto que as duas precedentes, mas inédita, sem data nem nome de autor, é um cântico religioso chamado *O Mukunji*, isto é, o mensageiro, referindo-se ao arcanjo Gabriel. Este texto, que se perpetuou até hoje em Angola na memória do povo e em manuscritos reproduzidos de modo imperfeito, trata do nascimento e da morte de Jesus. Deve ser uma versão do latim em mbaka-kahenda.

Parece óbvio que havia uma determinação prévia por parte do padre Pedro Dias de redigir sua gramática kimbundu no mesmo dialeto padronizado adotado normativamente pelos jesuítas em missão em Angola. Se para realizar este projeto, Dias necessitasse recorrer a informantes nativos que sejam locutores do mbaka-kahenda, bastava para ele identificar um ou outro locutor do mbaka-kahenda que tivesse sido recentemente desembarcado de um dos muitos navios negreiros vindo de Angola. De lá a imaginar que todos os escravos bantu tinham se tornado falantes de um sub-dialeto do kimbundu há uma margem!⁶

Aliás, a história da elaboração e dos usos (das funções sociais) da Língua Geral no Brasil obedece à mesma lógica e aos mesmos preceitos: ver o que escreve, a esse respeito, Aryon Rodrigues, entre outros. É quando Luther empreendeu a tradução da Bíblia em... alemão ? - ele “criou” uma língua padronizada para este fim, quando de fato o eco-sistema linguístico do sec. XVI na Alemanha se caracterizava por uma extrema variedade de dialetos. Essa tradução, de fato, foi a primeira obra “linguística” moderna (Luther justificou cada uma das escolhas lexicais e gramaticais que ele fez) que se baseou, não numa língua (ou variedade específica) existente, mas veio propor deliberadamente uma forma “consensual” que pudesse se tornar “transversal” e aceita por falantes de variedades diferentes; os jesuítas conheciam muito bem a obra do dito herético....

⁴ Bonvini (2009, 17-18) lembra também esse fato. Ele cita também Doke, que afirma que a variedade descrita é o dialeto ndongo, vizinho do mbaka.

⁵ Bonvini (2009, 25)

⁶ Bonvini (2009, 29) cita Cannecatim (1949[1805]), para quem os escravos chegando dos “sertões””aprendem a língua bunda com maior facilidade...”; mas Cannecatim, que não conhecia o trabalho de Pedro Dias, não especifica qual é a variedade – ou dialeto – do kimbundu que eles falavam.

A próxima etapa deste trabalho deve consistir em levantar as estruturas gramaticais descritas por Dias, para subsequente comparação e análise. Mas o levantamento das lexias está concluído; são 211 itens lexicais, incluindo aí preposições e conjunções, substantivos e nomes próprios, e alguns adjetivos, que vamos apresentar na tabela comparativa a seguir, mostrando a coincidência entre as três variedades de mbaka (o mbaka-kahenda de Pedro Dias, o mbaka-malanje descrito por Kukanda e o mbaka-samba-caju descrito por Angenot).

Mas queremos previamente dar destaque a algumas reflexões a respeito da possível procedência dos “bantuisms brasileiros”:

1. a maioria dos bantuisms brasileiros que tem formas e sentidos semelhantes ou idênticos a lexias apresentadas por Dias aparecem em contextos de povo de santo, (o que é uma bela resposta aos jesuítas catequizadores!) (exemplos: *cariapemba*, para Dias “diabo”, no *candomblé* o equivalente de Exu; *cota/macota*, para Dias “mais velho”, nos *candomblés*, indica graus de iniciação)
2. a maioria dos cognatos de bantuisms que constam das 211 lexias de Dias muito provavelmente não passou diretamente da “língua de Angola” de Pedro Dias para o PVB, nem mesmo para a “língua-de-santo”; assim, no *candomblé*, o “nome” (iniciático) é “*dijina*”; Dias apresenta “*rijina*”; e para “*quizila*” (tabu, interdição) Dias tem “*quijilo*”, que ele traduz por “preceito”.
3. uma série de lexias são “criações” semânticas dos jesuítas, assim por exemplo “*nganga*” no sentido de “padre”, que se conservou neste sentido em Angola na população cristianizada, enquanto que no Brasil é usado somente nos *candomblés* congo-angola no sentido, entre outros, de “sacerdote”, com as seguintes atestações⁷

⁷ Em Angenot & Angenot, 2009, Glossário de bantuisms brasileiros presumidos, Cadernos de Ciências da Linguagem, UNIR/Guajará-Mirim: CEPLA.

As siglas aqui usadas são as seguintes:

AC = Agenor Costa (1952)

AR = Arthur Ramos (1934)

BA = Roger Bastide (1967)

DO = João Dornas Filho (1943)

FJ = Filhos de Jurema (s/d)

FP = Byron Torres de Freitas & Tancredo da Silva Pinto (1955)

FF = Byron Torres de Freitas & Vladimir Cardoso de Freitas (1967)

JF = João de Freitas (s/n)

1.	ganga unganga uganga nganga enganga mganga oronganga meganga [unganga-machiche]	'gã ^h gɛ ũ ^h gã ^h gɛ u ^h gã ^h gɛ ^h gã ^h gɛ ẽ ^h gã ^h gɛ m ^h gã ^h gɛ orõ ^h gã ^h gɛ me ^h gã ^h gɛ	YP	LS LS LS LS	ganga (a) chefe (b) ocultista, vidente (c) sacerdote (d) nome de Bambojira
				PS	uganga Deus
				PS	meganga tratamento respeitoso dos escravos para os senhores (arcáico)
			AR		enganga forma atestada na expressão “Lembá enganga” [BA]
			ME		nganga senhor, termo respeitoso usados pelos negros
			DO		unganga (a) deus (b) pai (c) missionário
			BA		uganga (a) sacerdote do culto bantu (b) correspondente bantu de Exu (c) feitiçaria
			VF		ganga (a) parte de Exu (b) lado de lá [SP-Cafundó]
			FP		ganga valente [MG]
			FJ		ganga chefe [RJ]
JF		ganga (a) roupa (b) vestimenta de pano inferior [RJ]			
FF		ganga chefe de terreiro na Linha das Almas			

ME = Renato Mendonça (1933/1973)

MA = Ayres de Mata Machado Filho (1944)

RA = Jacques Raimundo (1933)

VF = Carlos Vogt & Peter Fry (1983, 1985, 1996)

YP = Yeda Pessoa de Castro (2001)

O termo “ngana” que Dias traduz por “senhor” é também conhecido nos terreiros, mas nas seguintes formas:

angana (1) gane	ã ⁿⁱ 'gane 'gani	YP	PS BR	angana (a) patrão (pejorativo) (b) senhora, mulher do senhor, em tratamento usado pelos escravos (arcáico).
		ME		angana tratamento que os escravos davam à senhora [RJ]
		AR		gane senhor (forma atestada em Palmares)
		RA		angana (a) senhora, mulher do senhor (b) filha mais velha da senhora (c) denominação familiar dos pais às filhas
		MA		angana senhor, senhora [MG]
		FJ		angana dono ou dona de casa [RJ]

Siglas dos Registros Sociolinguísticos:

Nos dados levantados em Pessoa de Castro as abreviaturas LS, PS, LP, BA, BR, após cada entrada lexical, são utilizadas em função de uma ordem de pressuposição. A ocorrência BA, por exemplo, significa que o item pode ser encontrado a partir do registro sociolinguístico LS.

LS = **língua-de-santo**, linguagem religiosa dos cultos afro-brasileiros

PS = **povo-de-santo**, falar da comunidade religiosa afro-brasileira

LP = **linguagem popular** regional, incluindo termos de manifestações folclóricas

BA = **baianês**, falar corrente, regional e familiar da Bahia, nas diversas classes sociais

BR = **brasileiro**, língua portuguesa do Brasil

		RA		angana (a) dona, esposa do dono. (b) filha mais velha da dona (c) tratamento familiar dado às filhas pelos seus pais
angana (2)	ã ⁿ ganɛ	AC		angana eira, pátio
angana iangue ngana iame	ã ⁿ ganɛ 'jã ⁿ gr ⁿ ganɛ	MA		angana iangue, ngana iame patrão, dono de serviço [MG]
angana iove	ã ⁿ ganɛ 'jovɪ	MA		angana iove Deus [MG]
angananzambi anganazambi angazambi angana-nzambi gananzambi gananzambe ganazambi nganzambi inganazambi ingananzambe ganazona	ã ⁿ ganẽ ⁿ zã ^m bi ã ⁿ ganẽzã ^m bi ã ⁿ gazã ^m bi ã ⁿ ganɛ ⁿ zã ^m bi ganẽ ⁿ zã ^m bi ganẽ ⁿ zã ^m bi ganezã ^m bi ⁿ ganezã ^m bi ɽ ⁿ ganezã ^m bi ɽ ⁿ ganẽ ⁿ zã ^m bi ganezone	MA		angana-nzambi, ganazambi, nganzambi Deus [MG]
		YP	LS	angananzambi, inganzambi Deus
		VF		nganzambe padre ingananzambe (a) Deus (b) santo [SP-Cafundó]
		AR		ganazona forma atestada em Palmares
angananzambi- opungo	ã ⁿ ganezã ^m bi o' pũ ⁿ gu	YP	LS	angananzambi-opungo deus supremo

É somente em Angola que se conservou o sentido de “chefe” – e as formas atestadas no Brasil não parecem ser um legado do kimbundu dos jesuítas; assim também, a palavra escolhida por Pacconio e Dias para traduzir “pecado” – “ituxi” – significa de fato “crime”, (i.e., coisa proibida pela lei dos homens, não a lei de Deus), e até então não foi atestada no Brasil. Como manter então a afirmação de que esse kimbundu “era falado em Salvador”?

Conclusão

Héli Chatelain talvez não seja – não tenha sido – “uma autoridade linguística”, porque era, como todos nós, filho do seu tempo e da sua ideologia. Era um missionário protestante, e o seu trabalho enquanto lingüista tinha objetivos similares àqueles dos jesuítas: cristianizar. Mas ele era um fino conhecedor daquilo que hoje chamaríamos de “eco-sistema linguístico” de Angola, e conhecia também toda a literatura então existente a respeito das variedades do kimbundu.

Se ele afirma que “foi o kimbundu do Sertão” – logo, o kimbundu-*mbaka* – que serviu de língua-padrão tanto para a elaboração do catecismo de Pacconio do que para a “Arte” de Pedro Dias, e que isso se confirma através da comparação entre o léxico levantado em Dias e as variedades de *mbaka* descritas por Kukanda (1974) e Angenot (2010), parece difícil não aceitar esta afirmação. Na comparação com o kimbundu “akwa-loanda” então (na época de Chatelain, fim do século XIX) falado em Luanda, vemos aparecer uma série de discrepâncias em relação ao vocabulário; uma comparação da morfo-sintaxe (em via de elaboração) reforça a argumentação: são variedades distintas; o próprio Pedro Dias escreve:

“...as ditas partículas (n.b.: os prefixos e infixos classificadores) custumaõ muitas vezes usar dellas os Ambundos, pondo humas por outras, por causa das variedades das línguas angolanas... (grifo nosso) (p.10), dando assim conta dessa distância. Aliás, como Pedro Dias nunca pisou em Angola⁸, essa reflexão pode sugerir mais outra coisa: é que Pedro Dias tinha consciência da distância entre aquilo que realmente era falado pela população escravizada (os 25.000 de Antônio Vieira) em Salvador (ou no Rio de Janeiro)⁹, e a “língua de Angola” de Pacconio.

Aí sim: é bem provável que aquilo que era realmente falado por essa população fosse uma espécie de “koiné”, resultado do contato entre inúmeras línguas africanas, na sua maioria bantu, estas procedentes daquela área definida, entre outros, por Bonvini (2009, 35ss), que abrange o “hinterland” angolano; essas línguas chegam a formar um “sprachbund” (ou ‘cluster’), devido à história das migrações bantu pré- e pós-coloniais; da mesma forma, é altamente improvável de que tenha sido o kimbundu de Pacconio a

⁸ Bonvini (2009: 18).

⁹ Onde Pedro Dias aprendeu o kimbundu no colégio dos jesuítas, conforme Bonvini (2009: 18)

componente essencial desta koiné. A influência dessa koiné sobre a formação do PVB é “areal”, como frisa o próprio Bonvini (2009, 41), e é nessa koiné – se ela tivesse sido registrada – que se deveria procurar a origem de boa parte dos bantismos atestados no Brasil; ainda mais que, até hoje, a “língua dos malandros” e de outras populações marginalizadas de Salvador e de outros lugares do Brasil, que não foram ainda devidamente pesquisadas, apresentam características que talvez remetessem a essa koiné. *Nakwenda*¹⁰.

LÉXICO ATESTADO EM ARTE DA LÍNGUA DE ANGOLA

Algumas advertências:

1. as transcrições ortográficas de Dias foram mantidas para os dados Mbaka-Kahenda ao passo que a transcrição dos dados Mbaka-Malanje e Mbaka-Samba Caju segue o Alfabeto Fonético Internacional;

2. na tabela abaixo as diferenças de anotação fonética do prefixo de classe 5 entre [di] em Mbaka-Malanje e [ɽi] em Mbaka-Samba Caju não devem ser levadas em conta como característica de diferenciação em relação à transcrição ortográfica “ri” do Mbaka-Kahenda de Dias, pelo fato de que a transcrição dos dados Mbaka e Samba-Caju corresponde à pronúncia atestada em registro fonostilístico hiper-articulado, enquanto que verificamos que, nos registros medianamente ou hipoarticulados, a realização, é sempre [ɽi]. Com efeito, em todos os dialetos kimbundu, o ataque silábico de “ri” é sempre realizado com uma oclusiva batida (*tap*) lamino-alveolar [ɽi] (diferente da batida apico-alveolar [r] do português). Outrossim, em todos os dialetos, a representação subjacente é sempre -ɽ - uma vez que há, ao nível superficial, uma distribuição complementar entre [d → ɽ] diante de [i] e a aproximante lateral lamino-alveolar [ɽ] (diferente da apicoalveolar correspondente do português) diante das demais vogais [ɛ,a,ɔ,u]. Isso se verifica também na posição intervocálica (lexias 15, ou 69).

¹⁰ “Fui!”, literalmente “vou embora”, ouvido na rua em Salvador em 2009.

	KIMBUNDU dialecto: MBAKA sub-dialecto: KAHENDA Dias (1664)	KIMBUNDU dialecto: MBAKA sub-dialecto: MALANJE Kukanda (1974)	KIMBUNDU dialecto: MBAKA sub-dialecto: SAMBA CAJU Angenot (2010)
<i>acabar</i>	cubua	ku:b ^w a	ku:b ^w a
<i>abominar</i>	cuzemba	kuzε: ^m ba	kuzε: ^m ba
<i>aborrecer</i>	cuibila	k ^w i:bi _l a	k ^w i:bi _l a
<i>aljava</i>	rilunda	ku _l u: ⁿ da <i>guardar</i>	ku _l u: ⁿ da <i>guardar</i>
<i>alma(s)</i>	muenho (sg.) mienho (pl.)	m ^w ε: _n u m ^l ε: _n u <i>vida; alma</i>	m ^w ε: _n o m ^l ε: _n <i>vida</i>
<i>amar</i>	cuzola	kuzo: _l a	ku _l izo: _l a
<i>amigo(s)</i>	camba macamba	dika: ^m ba maka: ^m ba	lika: ^m ba maka: ^m ba
<i>andar</i>	cuenda	k ^w ε: ⁿ da	k ^w ε: ⁿ da
<i>animais</i>	yama	ja:ma	ja:ma
<i>anos</i>	mivo	mi:vu	mi:vɔ
<i>ante-ontem</i>	mazaurinha	ma:zadi:na	maza _l i: _n a
<i>aproveitar</i>	cubelela	bube _l ε: _l a <i>tocar-se ao dançar</i>	ku _l ive _l ε: _l a <i>tocar-se ao dançar</i>
<i>aqui</i>	boba	βo:ba	vɔ:va
<i>arco(s)</i>	uta (sg.)mauta (pl.)	u:ta mau:ta	u:ta ma:ta
<i>arrepender-se</i>	kurila	kudi: _l a	ku _l i: _l a <i>chorar</i>
<i>árvores</i>	ysassa	isa:sa <i>arbustos</i>	isa:sa <i>arbustos</i>
<i>barbear</i>	cubuta	kubu:ta <i>barbear-se, rapar</i>	kuvu:ta <i>barbear-se, rapar</i>
<i>barbeiro</i>	mubuchi	mubu: _j i <i>(arcaico)</i>	?
<i>bater; vencer</i>	cubeta	kube:ta	kube:ta
<i>belamente</i>	quiaoaba	k ^l awa:ba	k ^l awa:ba
<i>bem (advérbio)</i>	mbote / quiambote	^m bote k ^l a: ^m bote	^m bote k ^l a: ^m bote
<i>bem (estar)</i>	cucolo	kuko: _l a <i>saudável (estar)</i>	kuko: _l a <i>saudável (estar)</i>
<i>boi</i>	ngombe	ŋo: ^m be	ⁿ go: ^m be

<i>bom (ser)</i>	cuüaba	kuwa:βa	kuwa:va
<i>bondade</i>	maxima	?	maʃima <i>bom coração</i>
<i>bordãobordões</i>	lubango (sg.) malubango (pl)	?	?
<i>briga(s)</i>	nvunda (sg) ginvunda (pl)	^m vu: ⁿ da ʒi: ^m vu: ⁿ da	^m vu: ⁿ daʒi: ^m vu: ⁿ da
<i>caixinha(s)</i>	camucete (sg) tumucete (pl.)	kamuse:te <i>caixinha parak</i> amuse:te <i>carne seca</i>	?
<i>camaleão</i>	rinonguenna	ɖiɲo:ŋ ^w ε:na	ɭiɲo: ^g wε:na
<i>caminho</i>	ngila	ⁿ ʒiɭa	ⁿ ʒiɭa
<i>carne(s)</i>	xitugixitu	ʃi:tuʒiʃi:tu	ʃi:tuʒiʃi:tu
<i>carneiro</i>	nburi	^m bu:di	^m bu:di
<i>carranca</i>	rizùna	?	?
<i>casa(s)</i>	nbatamabata	diβa:ta <i>bairro; moradia</i> maβa:ta	ɭiva:ta <i>bairro</i> mava:ta
<i>casa (em)</i>	bobata	βoβa:ta	vova:ta
<i>casa (para)</i>	cobata	kɔβa:ta	kova:ta
<i>casa (de)</i>	conzo	kɔ: ⁿ zɔ	kɔ: ⁿ zɔ
<i>marisco</i>	ribanga	diba:ŋa <i>concha</i>	?
<i>causa de (por)</i>	cuema	?	?
<i>chorar</i>	curila	kudi:ɭa	kuɭi:ɭa
<i>chuva</i>	nvula	^m vuɭa	^m vuɭa
<i>ceu (no)</i>	moeulu	m ^w i:ɭu	m ^w i:ɭu
<i>ceu (para o)</i>	koiilo	k ^w i:ɭu	k ^w i:ɭu
<i>clemente</i>	mucuáhenda	muk ^w a:he: ⁿ da	muk ^w a:he: ⁿ da
<i>cobra d'água</i>	rinuana	?	?
<i>coisa</i>	quima (sg.) yüma (pl.)	ki:ma i:ma	ki:ma i:ma
<i>colher (verbo)</i>	cussocola	kusokɔ:ɭa <i>partir a mandioca</i>	kusokɔ:la <i>partir a mandioca</i>
<i>colher(es)</i>	luto (sg.) maluto (pl.)	^g gu:tu / ɭu:tu ʒi: ^g gu:tu	^g gu:tɔ ʒi: ^g gu:tɔ
<i>com</i>	ne / no	ni	ni
<i>comer</i>	curia	ku:dɭa	ku:ɭa

<i>comprar</i>	cussumba	kusu: ^m ba	kusu: ^m ba
<i>copo de cabça</i>	ricào	dikau <i>caneca</i>	?
<i>coraçã</i>	muxima	mu ^ʃ i:ma	mu ^ʃ i:ma
<i>córcova(s)</i>	cunda (sg.) macunda (pl.)	diku: ⁿ da <i>costa(s)</i> maku: ⁿ da	ʃiku: ⁿ da <i>costa(s)</i> maku: ⁿ da
<i>corpo</i>	mucutu	muku:tu	muku:tu
<i>cozinheiro(s)</i>	mulambi (sg.) alambi (pl.)	mu ^ʃ a: ^m bi a ^ʃ a: ^m bi	ku ^ʃ a: ^m ba <i>cozinhar</i>
<i>crer</i>	cuchiquina	ku ^ʃ i:ki:na	ku ^ʃ i:ki:na
<i>dar 1</i>	cuba	ku:βa	kuba:na
<i>dar 2</i>	cutuba	?	?
<i>Como?</i>	ngahim	?	?
<i>desejar</i>	cuandala	k ^w a: ⁿ da ^ʃ a	k ^w a: ⁿ da ^ʃ a
<i>desprezar</i>	cutenda	kute: ⁿ da	kute: ⁿ da
<i>desprezo</i>	rifanga	?	?
<i>Deus(es)</i>	nzambi (sg.) gimzambi (pl.)	ⁿ za: ^m bi ʒi: ⁿ za: ^m bi	ⁿ za: ^m bi ʒi: ⁿ za: ^m bi
<i>dez</i>	cuim	k ^w i:ɲi	k ^w i:ɲi
<i>día</i>	quisua	kizuwa	kizu:wa
<i>diabo</i>	cariàpemba	kud ^ʃ ape: ^m ba	ka ^ʃ ape: ^m ba
<i>dinheiros</i>	ginbongo	ʒi: ^m bo: ⁿ gõ <i>conchas</i>	?
<i>dois</i>	-yari	-ja:di	-ja:ʃi
<i>e</i>	na	ni, na	ni
<i>elefante</i>	nzamba	ⁿ za: ^m ba	ⁿ za: ^m ba
<i>ensinar</i>	culonga	ku ^ʃ õ: ⁿ ga	ku ^ʃ õ: ⁿ ga
<i>entre</i>	bo, mo	βõ-, mõ- <i>(PN locativos)</i>	βõ-, mõ- <i>(PN locativos)</i>
<i>esconder</i>	cussueka	kus ^w e:ka	kus ^w e:ka
<i>escravo</i>	mubica (sg.) abica (pl.)	mu ^ʃ i:ka a ^ʃ i:ka	mubi:ka abi:ka
<i>escrever</i>	cuçoneca	kusõne:ka	kusõne:ka
<i>escrivão</i>	cuçonequi	?	?
<i>esforçoso (ser)</i>	ocusuina	kus ^w i:na <i>ser trabalhador</i>	kus ^w i:na <i>ser trabalhador</i>
<i>estar; ser</i>	cucala	kuka:ʃa	kuka:ʃa
<i>falar</i>	cuamba	k ^w a:mba <i>prosseguir na conversa</i>	k ^w amba <i>falar mal de alguém</i>

<i>farinha(s)</i>	fuba (sg.) gifuba (pl.)	fu:ba ʒifu:ba	fu:ba ʒifu:ba
<i>favorecer</i>	cucuatessa	kuk ^w a:tɛ:sa <i>ajudar</i>	kuk ^w a:tɛ:sa <i>ajudar</i>
<i>fazer</i>	cubanga	kuβa:ŋa	kuba:ŋga
<i>fazer, cometer</i>	cucalacala	kuka:laka:l̩a <i>trabalhar</i>	kuka:l̩aka:l̩a <i>trabalhar</i>
<i>feitiço(s)</i>	üanga (sg.) maüanga (pl.)	wa:ŋga mawa:ŋga	wa:ŋga mawa:ŋga
<i>fêmea</i>	muhetu	muha:tu / muhe:tu	muhe:tu <i>mulher; fêmea</i>
<i>filho(s)</i>	mona (sg.) ana (pl.)	mɔ:na a:na	mɔ:na <i>filho / filha</i> t ^w a:na (PN13 + PN2)
<i>fogo</i>	tubia	tu:β̩a	tu:ja
<i>folgar</i>	cutonoca	kutɔnɔ:ka <i>brincar</i>	kuk ^w a:tɛ:sa <i>brincar</i>
<i>forças</i>	giguzu	ʒi:ŋgu:zu	ŋgu:zu <i>força (sg./pl.)</i>
<i>Francisco(s); =nomes</i>	Fula gifula	fu:l̩a <i>nome de uma família</i>	fu:l̩a ʒifu:l̩a
<i>fraqueza(s)</i>	leza (sg.) maleza (pl.)		? ?
<i>fruta (esp.)</i>	múcua	mu:k ^w a <i>fruta do imbondeiro</i>	mu:k ^w a <i>fruta do imbondeiro</i>
<i>galinha(s)</i>	sangi (sg.) gisangi (pl.)	sa:ŋzi ʒisa:ŋzi	sa:ŋzi ʒi:sa:ŋzi
<i>graça</i>	pembela	pɛ:ᵐbe̩l̩ɛ <i>felicitações</i>	?
<i>grande</i>	-nene	-nɛ:nɛ	-nɛ:nɛ
<i>grande (muito)</i>	-nenenene	-nɛ:nɛnɛ:nɛ	-nɛ:nɛnɛ:nɛ
<i>grandemente, coisa grande</i>	quinéne	kine:ne	kine:ne
<i>grude</i>	rimâmi	dina:mi	l̩ina:mi
<i>guardador</i>	mulungi	mu̩lu:ŋzi	?
<i>guardar</i>	culunda	ku̩lu:ᵐda	ku̩lu:ᵐda
<i>hoje</i>	rierino	?	?
<i>homem (masculino); macho</i>	yala (sg.) mala (pl.)	d̩a:l̩a maja:l̩a	ja:l̩a ma:l̩a
<i>homem (ser)</i>	cuyala	kuja:l̩a	kuja:l̩a
<i>homem grande</i>	quiya'lla	kija:l̩a	kija:l̩a
<i>homem pequeno</i>	que lyala	kaja:l̩a	?

<i>honrar</i>	cucondeca	kukɔ:ⁿde:ka <i>cuidar; arrumar</i>	kukɔ:ⁿde:ka <i>cuidar; arrumar</i>
<i>interjeição</i>	mamee	mame::	mame::
<i>interjeição</i>	ayuee	ajʷε::	ajʷε::
<i>ir</i>	cuya	ku:ja	ku:ja
<i>irmão</i>	pangui	ɸa:ŋε	pa:ⁿge
<i>já 1</i>	quiabu	kʲa:bu	kʲa:bu
<i>já 2</i>	quiatena	kʲate:na	kʲate:na
<i>lágrima(s)</i>	soxi (sg.) masoxi (pl.)	disɔ:ʃi masɔ:ʃi	? masɔ:ʃi
<i>lançar fora</i>	cutaculaxa	kuta:ku:ʃa	kuta:ku:ʃa
<i>lavar</i>	cussucula	kusu:kuʃa	kusu:kuʃa
<i>lei</i>	übica	uβi:ka <i>escravidão</i>	ubi:ka <i>escravidão</i>
<i>Leonor</i>	Rinono	?	?
<i>língua</i>	rimi	di:mi	ʃi:mi
<i>lisonja; carinho</i>	nbombela	kubɔ:ⁿbe:ʃa <i>acariciar</i>	kubɔ:ⁿbe:ʃa <i>ficar sonolento</i>
<i>lisonja (instrum.)</i>	nbombelo	?	?
<i>Loanda</i>	luanda	ʃuwa:ⁿda	nuwa:ⁿda
<i>alto (estar)</i>	culeba	kuʃe:ba	kuʃe:ba
<i>mais velho(s)</i>	cota (sg.) macota (pl)	dikɔ:ta makɔ:ta	ʃikɔ:ta makɔ:ta
<i>mandar</i>	cutuma cutumina	kutu:ma kutumi:na	kutu:ma kutumi:na
<i>Manoel</i>	Manino	?	?
<i>mãos (minhas)</i>	macüami	makʷa:mi	makʷa:mi
<i>marido(s)</i>	mulumi (sg.) alumi (pl.)	muʃu:me (<i>arcaico</i>) aʃu:me	munu:mi anu:mi
<i>matador</i>	mugibi	muʒi:βi	muʒi:bi
<i>matar</i>	cugiba	kuʒi:βa	kuʒi:ba
<i>mestre</i>	mulongui	muʃɔ:ⁿgi	?
<i>modo</i>	pango	pa:ŋu <i>modo, maneira</i>	pa:ⁿgɔ <i>modo de falar</i>
<i>morador</i>	mucuí	mu:kʷa	mu:kʷa
<i>morrer</i>	cufua	ku:fʷa	ku:fʷa
<i>mostrar</i>	cuirica	kʷi:dika <i>arranjar</i>	kʷi:ʃika <i>consertar; arranjar</i>

<i>muitas vezes 1</i>	nguinga	?	?
<i>muitas vezes 2</i>	luàvùlo	l̥ʷa:vu:l̥u	l̥ʷa:vu:l̥u
<i>muito</i>	quiavulu	k'a:vu:l̥u	k'a:vu:l̥u
<i>nariz</i>	rizûlo	dizu:nu	l̥izu:l̥u
<i>nodoa</i>	ritòna	?	?
<i>nome(s)</i>	ngina / rìgina Sg. magina (pl.)	di:zi:na ma:zi:na	ʷgi:na / l̥i:zi:na ma:zi:na
<i>mome de (em)</i>	mugina	mu (di) zi:na	mu:l̥i:zi:na
<i>notícia(s)</i>	fuma (sg.) mafuma (pl.)	fu:ma <i>fama</i> mafu:ma	fu:ma <i>fama</i> mafu:ma
<i>ofender</i>	cussaüila	kusabu:l̥a <i>delírar</i>	kusavu:l̥a <i>falar à toa</i>
<i>oiteiro(s)</i>	lundo (sg.) malundo (pl.)	l̥u:ʷdu <i>montanha</i> ma:l̥u:ʷdu	l̥u:ʷdo ma:l̥u:ʷdo
<i>Onde?</i> <i>De onde?</i>	bebi	βʷε:bi	bʷε:bi
<i>ontem</i>	mazau	ma:za	ma:za
<i>orador</i>	ngambí	ʷga:mbi <i>línguaireiro</i>	?
<i>outra vez</i>	ringui	di:ʷgi	l̥i:ʷgi
<i>padecer</i>	cusuilla	kusʷi:l̥a <i>avaliar</i>	?
<i>padre(s)</i>	nganga (sg.) (n)ginganga (pl)	ʷga:ʷga <i>feiticeiro, padre</i> zi:ʷga:ʷga	ʷga:ʷga <i>feiticeiro</i> zi:ʷga:ʷga
<i>pagar</i>	cufuta	kufu:ta	kufu:ta
<i>pai</i>	tata	ta:ta	ta:ta
<i>palavra(s); preceito(s)</i>	mulonga (sg.) milonga (pl.)	mu:l̥o:ʷga <i>ofensa</i> mi:l̥o:ʷga	mu:l̥o:ʷga <i>problema</i> mi:l̥o:ʷga
<i>panela(s)</i>	imbià (sg.) gimbia (pl.)	i:mbʲa zi:mbʲa	i:mbʲa zi:mbʲa
<i>pau(s)</i>	muchi (sg.) michi (pl.)	mu:ʃi mi:ʃi	mu:ʃi mi:ʃi
<i>papel; carta</i>	mucánda	muka:ʷda	muka:ʷda
<i>para</i>	mo	mɔ (<i>PN locativo 18</i>)	mɔ (<i>PN locativo 18</i>)
<i>parente(s)</i>	ndandu (sg.) gindandu (pl.)	ʷda:ʷdu zi: ʷda:ʷdu	ʷda:ʷdu zi: ʷda:ʷdu
<i>passar</i>	cubichila	kubi:ʃi:l̥a	kubi:ʃi:l̥a

<i>pecados</i>	ituxi	itu:ʃi <i>pecados; crimes</i>	itu:ʃi <i>crimes</i>
<i>pedir 1</i>	cubinga	kubi:ᵑga	kubi:ᵑga
<i>pedir 2; rogar</i>	curionda	kuᵊᵊ:ᵑda <i>suplicar; pedir perdão</i>	kuᵊᵊ:ᵑda
<i>Pedro</i>	Petolo	?	?
<i>peito(s)</i>	tulogitulo	tʰuᵊᵊ ʒithuᵊᵊ	tu:ᵊᵊ ʒitu:ᵊᵊ
<i>pelejar</i>	culua	kuᵊᵊ:wa <i>intruso (ser)</i>	kuᵊᵊ:wa <i>intruso (ser)</i>
<i>pentear</i>	cusamona	kusa:muna	kusa:muna
<i>perdiz(es)</i>	hanga (sg.) gihanga (pl.)	ha:ᵑga <i>galinha de Angola</i> ʒiha:ᵑga	ha:ᵑga <i>galinha de Angola</i> ʒiha:ᵑga
<i>perdoar</i>	culoloca	kuᵊᵊᵊ:ka	kuᵊᵊᵊ:ka
<i>pessoa</i>	omutù	mu:tʰu	mu:tʰu
<i>pombo(s); rola(s)</i>	embe (sg.) maembe (pl.)	dʰe:ᵐbe me:ᵐbe	ᵊᵊe:ᵐbe me:ᵐbe
<i>pôr</i>	cubaca	kuba:ka <i>guardar</i>	kuba:ka <i>guardar</i>
<i>porque</i>	ombata	ᵐbata <i>visto que</i>	?
<i>Por que razão?</i>	maluahim	?	?
<i>porto(s)</i>	tabu (sg.) matabu (pl.)	ᵊᵊta:bu <i>porto fluvial</i> mata:bu	?
<i>prática (nesta)</i>	momaca	moma:ka <i>questão (na)</i>	moma:ka <i>questão (na)</i>
<i>preceito</i>	quigilo	kizi:ᵊᵊa <i>proibição; lei</i>	kizi:ᵊᵊa <i>hábito, regime</i>
<i>precipício(s)</i>	quehin (sg.) maquehin (pl.)	?	?
<i>proveitoso (ser)</i>	cuüabela	kuwa:be:ᵊᵊa	kuwa:be:ᵊᵊa
<i>Quantos?</i>	icuchi	iku:ʃi	iku:ʃi
<i>Que coisa é?</i>	ihim	i:hi	ihᵊᵊ:ne
<i>Quem é?</i>	inahim	?	imaja:hi
<i>querer</i>	cuandala	kʷa:ᵑda:ᵊᵊa	kʷa:ᵑdaᵊᵊa
<i>Quiluangi</i>	quiluangi	kiᵊᵊʷa:ᵑzi	kiᵊᵊʷa:ᵑzi
<i>rã(s)</i>	sote (sg.) massote (pl.)	dizo:te mazo:te	ᵊᵊizo:te mazo:te
<i>redomoinho</i>	rifúta	ᵊᵊifu:ta	li:fu:ta

<i>redomoinho(s)</i> <i>de água</i>	nbuba (sg.) mabûba (pl.)	diβu:βa <i>cascata</i> maβu:βa	ļibu:ba <i>cascata</i> mabu:ba
<i>reino</i>	quifuchi	kifu:ʃi <i>país; região</i>	?
<i>rio</i>	quiluʒi	kiʎʷi:zi <i>grande rio</i>	ʎʷi:zi / ʎgi:zi
<i>riqueza(s)</i>	lao (sg.) malao (pl.)	?	?
<i>saber</i>	cüygia	kʷi:zi:ja	kʷi:zi:ja
<i>sair</i>	cutunda	kutu:ᵐda <i>sair</i>	kutu:ᵐda
<i>Santa Cruz</i>	quigimbuète	ki:zi:ᵐbʷe:te <i>sinal da cruz</i>	ki:zi:ᵐbʷe:te <i>sinal de cruz</i>
<i>sempre (para)</i>	calelela	?	?
<i>senhor(es)</i>	ngana (sg.) gingana (pl.)	ʎga:na <i>chefe; soba</i> zi:ʎga:na	ʎga:na <i>chefe; soba</i> zi:ʎga:na
<i>sentença</i>	üambalo	wa:ᵐbeļu <i>maneira de falar</i>	wa:ᵐbaļu <i>modo de falar</i>
<i>servo</i>	opunga	pu:ʎga <i>mensageiro</i>	<i>mensageiro</i> x <i>vaqueiro</i>
<i>terra</i>	xi	i:ʃi	i:ʃi
<i>tirar</i>	cucatula	kukatu:ļa	kukatu:ļa
<i>todo</i>	-osso	-ɔ:sɔ	-ɔ:sɔ
<i>trabalhador</i>	mucalacari	muka:ļaka:di	?
<i>trabalhar</i>	cucacalã	kuka:ļaka:ļa	kuka:ļaka:ļa
<i>trabalho(s)</i>	quicalaicala	kika:ļaka:ļu ika:ļaka:ļu	?
<i>traça(s)</i>	pango (sg.) gipango (pl.)	?	pa:ᵐgɔ ?? <i>biscateiro</i> zi:pa:ᵐgɔ
<i>juízo</i>	ndungue	ᵐdu:ᵐge	ᵐdu:ᵐge
<i>tropeçar</i>	cubucana	kupuka:na	kupuka:na
<i>um</i>	-moxi	-mɔʃi	-mɔʃi
<i>vaqueiro(s)</i>	mubiri (sg.) abiri (pl.)	mubi:di <i>pastorabi:di</i>	?
<i>verdade</i>	kiri	ki:di	ki:ļi
<i>vinte</i>	macuim	makʷi:ni	makʷi:ni
<i>vir</i>	cuiza	kʷi:za	kʷi:za

Consideração final

À guisa de consideração final, sugerimos que se medite sobre uma alerta admiravelmente perspicaz de Mário Eduardo Viaro (2004), a respeito do tratamento cientificamente leviano que assola de modo repetitivo a maioria das propostas dos “etimólogos” afro-brasileiristas sobre a origem dos bantuísmos presumidos:

Multiplicar étimos africanos sem estudar com cuidado as línguas em questão, ao contrário de ser uma mostra da importância cultural da África no Brasil, acaba por esconder a riqueza linguística de suas fontes, bem como pode significar, em último aspecto, um desrespeito, por não tratar de maneira igualitária culturas ágrafas e culturas com escrita.

Referências

- Angenot, Jean-Pierre. 2010. *Inquérito Linguístico: Anotações sobre o Dialeto Mbaka-Samba Caju da Língua Kimbundu*. Luanda: GELIPOL / Universidade Agostinho Neto.
- Batista, Ronaldo de Oliveira. 2002. A ‘Língua de Preto’ e os métodos de descrição na *Arte da Língua de Angola de 1697*. On-line.
- Birmingham, David. 1970. Early African Trade in Angola and Its Hinterland. In Richard Gray & David Birmingham (eds.). *Pre-Colonial African Trade. Essays on Trade in Central and Eastern Africa before 1900*. London, New York, Nairobi: Oxford University Press.
- Bonvini, Emilio. 1996. Repères pour une histoire des connaissances linguistique des langues africaines. I. Du XVI^e siècle au XVIII^e siècle: dans le sillage des explorations. *Histoire, Epistémologie, Langage* XVIII, 2: 127-148.
- Bonvini, Emilio. 2008. Línguas africanas e português falado no Brasil. In Fiorin, José Luiz e Petter, Margarida (eds.): *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*, 15-62. São Paulo: Contexto.
- Bonvini, Emilio. 2009. Revisiter trois siècles après, ‘Arte da língua de Angola’ de Pedro Dias S.J. – grammaire kimbundu, rédigée au Brésil, mais publiée à Lisbonne en 1697. In: Petter, Margarida e Mendes, Ronald Beline (org.): *Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics: Exploring the African Language Connection in Americas*, 15-45. São Paulo: Humanitas.
- Chatelain, Héli. 1888-1889. *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*. Genebra: Typographia de Charles Schuchardt.

- Dias, Pedro. 1697/2006. *Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosário, Mãe e Senhora dos mesmos Pretos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Fleisch, Axel. N.D. *Angola: Ambaquista, Imbangala, and Long-Distance Trade*. Online
- Kukanda, Vatomene. 1974. *Esquisse Grammaticale du Kimbundu*. Lubumbashi, R. D. do Congo: Université Nationale du Zaïre.
- Kukanda, Vatomene. 1999. "A personalidade luso-bantu: Cristalização e ambivalência. (O caso do ambaquista). *Atas das Segundas Jornadas Luso-Bantu*. São Tomé.
- Petter, Margarida. 2006. "Línguas de ontem, faláres de hoje: Inventário geolinguístico. In: S. A. M. Cardoso *et al.* (Orgs.) *Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2003. Obra nova da língua geral de mina: a língua ewe nas Minas Gerais. *Papia* 13: 92-96
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia* 4(2) 2: 6-18.
- Rosa, Maria Carlota. 1992. Descrições missionárias de língua geral nos séculos XVI-XVII: que descreveram? *Papia* 2(1): 85-98
- Viaro, Mário Eduardo. 2004. *Por trás das Palavras: Manual de Etimologia do Português*. São Paulo: Globo.